



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O GULOSO CASTIGADO

POR D. FARRIPAS
Desenhos de A. Castané

POBRES formiguinhas!...
Bébé, um menino pequenino, muito rosado e loirinho, era tão piedoso para elas! Um perseguidor, um destruidor insatisfeito!
Formiguinha que apanhasse a caminho do açucareiro, à procura de uma pedrita muito pequenina de açu-

car branhinho, docinho, era certo: fazia baixar a mãozinha, papudinha, sobre o descuidado bichito e, num instante, o esmagava, trucidava, implacável.

E, alegremente, na sua linguazita de trapos dizia, gritava:

Ota!... Ota!... Matei ôta!...

A mãezinha ralhava, aconselhava que não devia fazer isso. Que as deixasse, em paz, procurar arranjar os proventos para o sustento dos seus meninos formiguitos.

Bébé, pensativo, perguntava:

— Mãezinha, elas também têm meninos pequeninos?...

— Têm si, meu mauzão, e por sinal não são rabinos, nem traquinas como tu!

— Suas mãezinhas, seus paizinhos andam sempre, de sol a sol, cata aqui, cata ali, à procura de grãosinhos migalhinhas, gulodices que ajuntam no celeiro, para encher no inverno o papinho dos seus filhinhos,

Mas, zás!...

Bébé acabou de matar outra formiga!

— Ota!... Ota!... Matei ôta!...

— Ah! seu mau!... O menino não ouviu o que a mãezinha estava dizendo?

— A «fumiga» ia comer tódo o «açucque» e Bébé, depois, não tinha mais!...

— E, agora, quem cuida dos filhos da formiga que matou?

Ora pense lá!... Vamos a vêr...

Pense que a sua mãezinha era aquela formiga e tinha saído à procura de gulodices para o menino. De repente, um gigante gigantão, com uma mão, e como o menino faz às formigas, matava a sua mãezinha!

— Nunca mais a via, a mãezinha tão amigui-nha, nunca mais existiria que lhe' desse tantos abraços, tantos beijinhos!

Mas, Bébé, depressa esquecia o que sua mãe lhe dizia. Não fazia caso, não tinha emenda...

Continuava a perseguir os bichitos inofensivos!

Aqui para nós, Bébé era muito guloso, um grande lambareiro!

Calculem os meus meninos, o que o levava a fazer a gulodice:

la, às escondidas, cauteloso, manhoso, pé cá, pé acolá, à dispensa imensa, comer açúcar à mão cheia! Que acção tão feia!...

E, constantemente, na sua vozinha entoada:

Ota!... Ota!... Matei ôta!...

Pobres formiguinhas!



No reino das formigas, formiguinhas, formigões, situado num buraquinho, redondinho, ao canto da dispensa imensa, de há muito que se vinha notando o desaparecimento de alguns habitantes importantes. Desapareciam, misteriosamente, sem deixar rasto, talvez pasto de alguma aranha tamanha, assim pensavam...

(Continua na página 4)



A Princesa Lilita

Por TAUZINHA

Desenhos de CASTAÑE



M tempos que já lá vão, reinava num país muito distante, um rei sempre tão melancólico que lhe chama am: — o Rei Triste.

Havia só uma pessoa que o fazia sorrir: — a princesa Lilita. A princesa não era uma beleza: mas era atraente, aliando à esbelteza das fôrmas, uns olhos castanhos, uma boca linda como um fresco botão de

rosa e uma expressão de viva inteligência. Lilita era um figura intraduzível, que prendia pela felicidade da que irradiava tódo o seu ser

Tinha 18 anos a princesa, herdeira do trôno. O pai pensava já no noivo, príncipe poderoso e valente, porém Lilita aspirando da vida tudo quanto lhe proporcionava prazer nem sequer pensava que o pai tão preocupado andava com a escolha do noivo. Passeava pelos campos, montava o lindo cavalo parava às portas das cabanas sempre risonha, conversando e se havia alguns mais po brezitos, dava-lhes avultada esmola.

Como sempre fazia, foi Lilita dar o seu passeio, mas depressa voltou ao palácio chamada pelo rei, devido à chegada do príncipe Alberto, que vinha de visita ao seu país. Momentos depois, Lilita chegou e, num relance, o príncipe notou, que a princesa era bonita e foi olhando, mirando, estabelecendo confronto entre as princesas que vira em outros países.

Os olhos claros de Lilita fitaram os olhos do príncipe. Falaram, como de há muito se conhecessem, sobre os países que o príncipe percorrera, mudando por vezes a conversa para banalidades, numa tagarelice que a ambos agradava. Ao príncipe interessava-o sobremaneira aquele começo de idílio, deixando-se prender pela claridade daqueles olhos dum castanho dourado, pelos encantos da princesa, pela voz harmoniosamente modelada. Alguns dias depois o príncipe pedia a mão da princesa mas o rei respondeu-lhe:

— «Sinto contrariá-lo, mas noivo para a minha filha, só eu o desejo escolher».

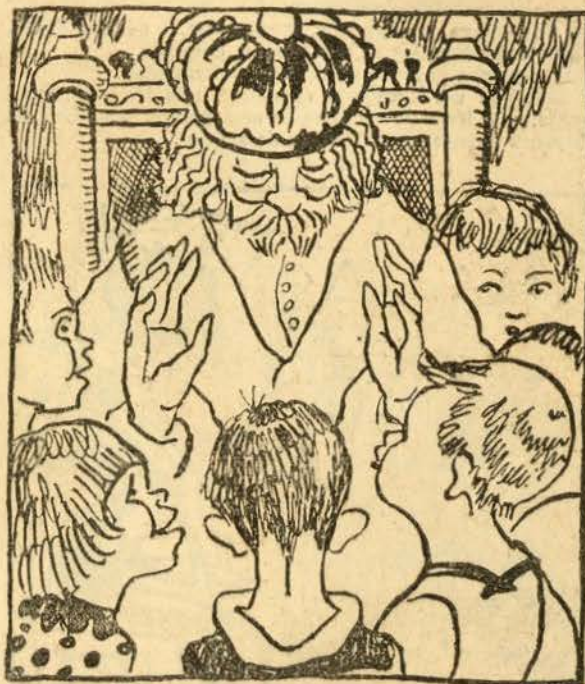


O príncipe ficou desappointado, marcando a partida para mais breve não se conformando, no entanto, com a resolução do rei. Lilita não queria que o príncipe partisse porque o amava, porém Alberto seguiu para o seu país, levando bem gravado na retina a imagem deliciosa da princesa e a expressão do seu último olhar, denunciadora de como aquele afastamento a tornava infeliz. No dia seguinte, já Lilita não se levantou cedo para passear nos campos, já não tinha a expressão de felicidade que prendia. Os dias passavam; a princesa entristecia presa a um estranho mal que os médicos desconheciam; amorteceu a claridade dos seus olhos dourados, fenecia a frescura da sua boca pequenina...

O rei depressa esqueceu a preocupação da escolha do noivo, preso à doença da filha, desejando dar-lhe vida e alegria. A princesa não melhorava, os médicos desesperavam de a salvar, quando apareceu no palácio um velho a oferecer os seus servi-

ços. O rei fê-lo entrar na camara da princêsa e o velhote, depois de a vêr, disse que o mal da princêsa tinha cura, pois era mal de amôr.

E' escusado dizer que o rei viu logo que era êle o culpado. Mandou emissários ao reino do príncipe Alberto para que viesse e lhe perdoasse a recusa que fizera ao pedldo de casamento. Quando o príncipe chegou a princêsa

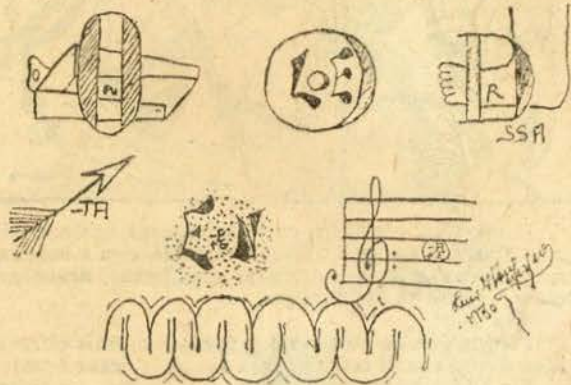


levantou-se cheia de alegria, beijando-a o rei pela mila, grosa cura. O casamento realizou-se vivendo tôdos muito felizes e o rei acabou os seus dias rodeado de nêtinhos que o adoravam.

F I M

BREVEMENTE: — Um sensacional concurso de contos, poesias e desenhos infantis. Prevenimos também as nossas pequeninas leitoras de que vamos iniciar, em breve, uma secção para meninas que certamente irá despertar um grande interesse.

ENIGMA PITORESCO



PROBLEMA

LÁ NO	GÊN TIL	MI NHA	RE PO
CÁ NA	TA VI	DO DES	E VI
AL MA	U SA	CEU E	QUETE
TÃO CE	VA EU	TÉR RA	DA DE
IS TE	MEM TE	TER NA	PA RT
TENTE	TRI STE	SEM PRE	S CON

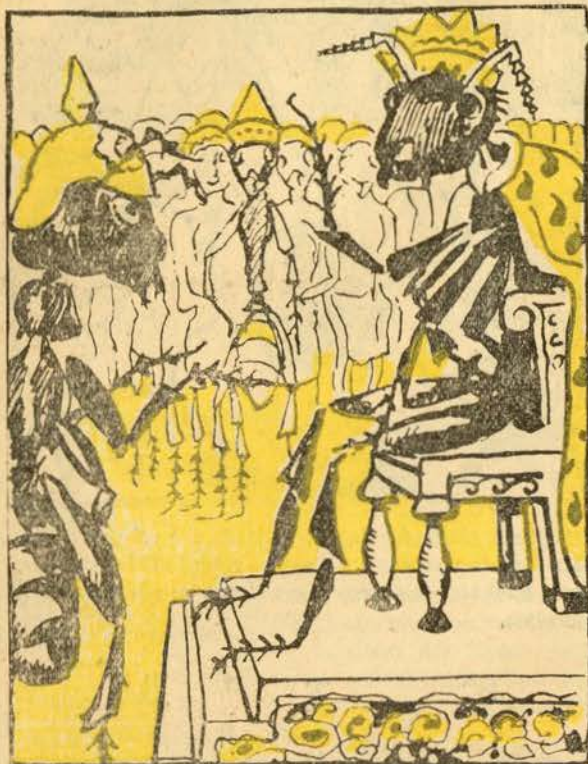
Recortar os quadrados e dispô-los de maneira que se leia a 1.ª quadra dum soneto de Camões muito conhecido.

Mas, nada, não se encontrava, não se descobria a causa dos misteriosos desaparecimentos.

Aumentava, infelizmente, tristemente, o número dos órfãos e o das famílias de luto pesado, desolado.

O terror, o pavor ia alastrando, dominando...

Até que um dia foram encontrar, arrastando-se, quase morta, uma formiga, em cima de uma grande prateleira, da dispensa imensa, junto à caixa do açúcar...



E souberam, então, a causa, o motivo de tantos desaparecimentos.

Um gigante gigantão, enorme, horrendo, tremendo, entrelinha-se a matar, a esmagar formiga que filasse...

O Rei convocou, urgentemente, à pressa, O Grande Conselho Formigal da: formigas, formiguinhas, formigões, e comunicou aos velhos formigões que o compunham, o resultado das pesquisas e buscas.

Discursando, o Rei a todos pediu e insistiu, por não ter ainda encontrado solução, que pensassem, que estudassem e encontrassem o meio com que pudessem afugentar o gigante gigantão e de salvar da morte, que má sorte, muitos dos seus semelhantes.

Discutiram, falaram, barafustaram..., mas não acharam maneira com que acabassem, para alívio de todos, com o perigoso monstro que os ameaçava.

E os dias passaram, correram... E mais formigas apareceram mortas...

Foi, então, que o rei resolveu proclamar que dava um prêmio de cem bocadinhos de pão de ló e de vinte pedrinhas redondinhas de açúcar, a quem fosse capaz de indicar o modo de combater e afugentar o gigante gigantão.

E todos pensaram, pensaram... mas não indicaram... nem encontraram...

Até que num dia, lutuoso e triste, uma formiguinha espartinha e ladina, que já se cansara de scismar, tanto puxou... tanto puxou pela cabeça, que encontrou o meio, que julgou capaz e eficaz, para castigar o causador de tantas desgraças e de vingar a morte de muitas das suas amigas formigas.

A correr, desabaladamente, o foi dizer ao Rei Formigão, que logo lhe pediu para o expor perante os velhos formigões.

E, ante o auditório, disse: — que lhe entregassem um bando de formigões que, sob o seu comando, avançariam, correriam ao encontro do inimigo e lhe infligiriam o merecido castigo.

E o rei ordenou, mandou que se procurasse, se investigasse...

Jurava e prometia que conseguiria o sossego para o sepaís formigueiro, e que o livraria do pesadão...

E falou... falou tão bem que os velhos formigões, logo ali, sem hesitações, lhe entregaram o que pedia: um exército de formigões.

Num belo dia, cheio de sol e de alegria, encetaram a viagem, cheios de coragem, ao encontro do monstro, formiguinha espartinha e ladina à frente, contente, a comandar, a incitar...

— Vamos, para a frente!... Com valor... sem temor!...

Bébé, apanhando mãezinha distraída, vai sorrateiro, com passos leves, encostado e chegado à parede, direitinho, enfiadinho à dispensa imensa. Abriu a porta devagar, sem ruído e... entrou.

Trepa a um banco e destapa a caixa do açúcar, — que guloso! — e à pressa, com medo que o vissem, mete a colher, que aí tinham deixado por esquecimento, cheinha... cheinha a abarrotar da preciosa areiazinha tão doce, na boca!

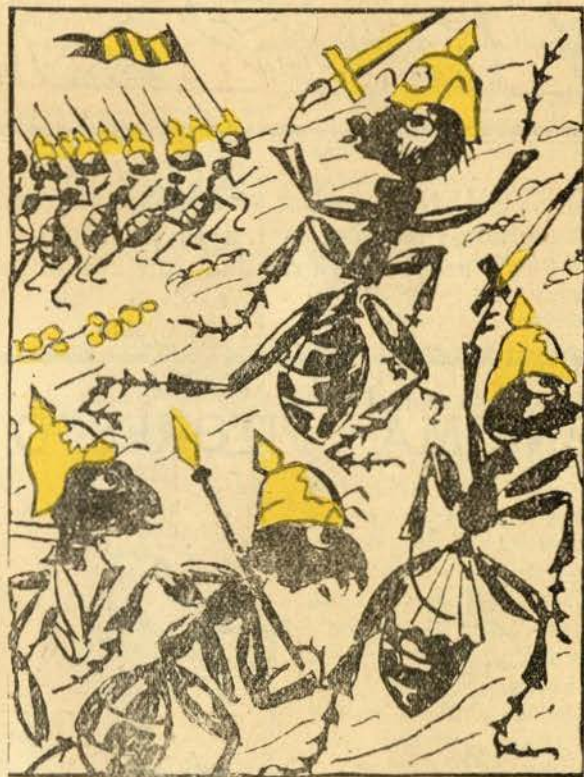
Mas, oh!... Bébé sente, de repente, a bôca ardente, como se tivesse comido pimenta, e, pela carita rosada fóra, muitos bichinhos a correr... a correrem... a morderem...

Eram os formigões que às ordens da formiguinha espartinha e ladina se tinham alojado na caixa, por cima do açúcar e dentro da colher.

Bébé, ao meter a colher na bôca, não as viu... tal era a pressa...

E, elas metiam-se na bôca e corriam-lhe pela cara rosada aos milhares!

Vingavam, assim, as mortes praticadas por êle, o perseguidor implacável...



E, mordiam e corriam, cara abaixo, cara acima, e Bébé atrapalhado, engasgado, picado e mordido, com a boquita a arder, tentava, com as mãozinhas papudinhas, desembaraçar-se, sacudir-se das formigas,

Mas qual!

Parecia que, de cada vez que se sacudia, mais entravam bôca dentro e mais corriam, cara abaixo... cara acima...

E a linguasita vermelhinha sempre a arder... a arder...

Então Bêbé, assustado, envergonhado, muito embaçado, começou a chorar... a chorar... quasi a cair do banco onde estava empoleirado.

Acudiu a mãezinha; veio a criada...

— O que é?...

— O que foi?...

Ficaram espantadas, de boca aberta...

Bêbé, — não tinham dado ainda por isso... — nunca fizera partidas destas...

Ah! agora, já sabiam porque faltava o açúcar!...

E Bêbé a chorar, só dizia: Ai! as «formigas»... Ai! as «formigas»...

A mãezinha, a reprimir o riso, ia ralhando:

— Seu guloso!... Não tem vergonha?... Um menino tão bonito que vem assim, pela calada, comer açúcar às escondidas!...

E a criada:

— Que lambão!... que «guloso»!...

E Bêbé, já limpo das formigas, todo corado, na sua linguasita de trapos, prometeu à mãezinha que nunca mais tornava... que nunca mais tornava. Realmente, tomou juízo e nunca mais foi guloso, nunca mais foi ao açúcar...

A vingança das formigas, serviu-lhe de castigo e emen deu-se!



Formiguinha espartinha e ladina, é que se regalou e banquetou com o prémio que lhe deu o seu Rei, pelo êxito magnífico do seu plano.

Bem merecido! Não foi?...

Com bocadinhos de pão de ló, laró... e vinte pedrinhas redondinhas de açúcar branquinho e docinho...

Que rico petisco!... Que bom!

Não acham, meus amôres?...

Agora, meninos gulosos que me lêem:

Lembrem-se sempre desta história que vos contei. Não vá, nalgum dia, uma formiguinha espartinha e ladina lembrar-se de vos fazer... o que fez a do conto ao menino do mesmo... O que, talvez... já o tenha acontecido a alguns de vós, Bêbés...

Tudo se descobre, tudo vem a saber-se!

O castigo, mais tarde ou mais cedo, sempre chega.

■ F I M ■

Relógio parado

POR CARFLOFER

Á Ceixa e Maria Augusta, bonequinhas adoráveis, esta expressão bem se ajusta de amigas inseparáveis.

Tardes que juntas não passem, nos costumados folguedos, é como se lhes faltassem os predilectos brinquedos.

No entanto, a Maria Augusta, quando está da Ceixa em casa, chegada a noite, se assusta, porque, em vir, a mãe se atrasa.

Ora, numa noite dessas, notando a sua aflicção, diz-lhe a Ceixa: — «Lá começa... Nem, sequer, oito horas são».

— «Dêste relógio os ponteiros bem vejo que marcam nove...»
— «Não anda há dias inteiros: a nada o triste se move».

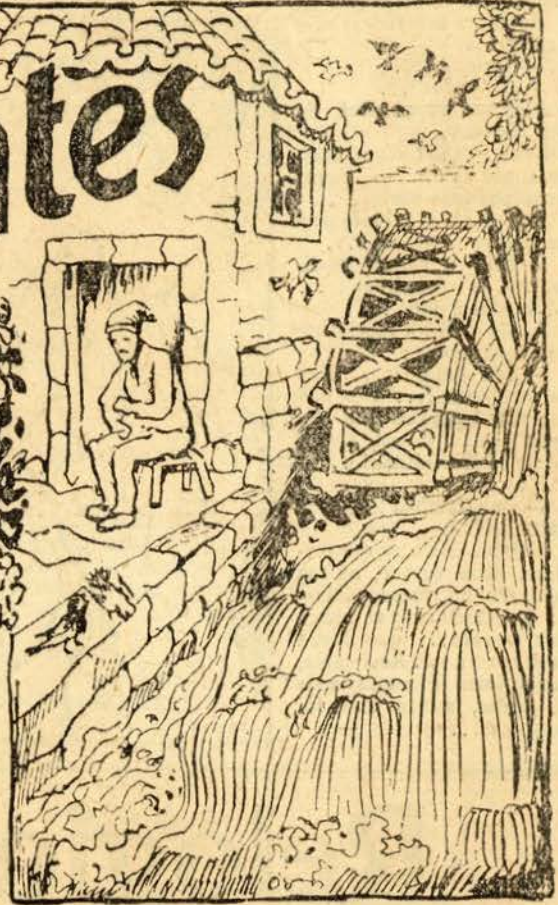
— «Ai!... Ai, Jesus». — «Porqué choras? a que vêem tantos ais?!»
— «Parado... e já tem nove horas... Se andasse... inda tinha mais!...»

■ F I M ■

Águas Córrentes

Por JAMES BROOK

Desenho de CASTANÉ



PASSAVA, ali, ao pé do meu quintal,
um ribeirinho de águas sussurantes
e tinha um ar traquinas, petulante,
... o ribeirinho ao pé do meu quintal!

Quando inverno, era um gosto vê-lo, então,
a correr sôbre as pedras, a roncar,
com ar tão fanfarrão
que chegava a assustar!

Mas êle era um ribeiro delicado,
muito bem educado,
como tôdo o ribeiro o deve ser,
... e se agora fazia tal berreiro
e uma tal chinfrineira
a roncar,
a correr,

... era p'ra ganhar laço, p'ra empurrar
as rodas do moinho
do T'i Manel moleiro! . . .

E que rodas, senhores! eram de pinho . . .
e que pesadas, tôscas e ronceiras!

Mas cantava cantigas tão bonitas
— feitas por êle em noites de luar
quando a musa inspirava! —
que até as avesitas,
para aprendê-las, vinham-no escutar
empoleiradas num grande salgueiro
que muito se orgulhava
servir-lhes de polêiro.

Vivia alegre e sempre jovial
o ribeirito de águas sussurrantes

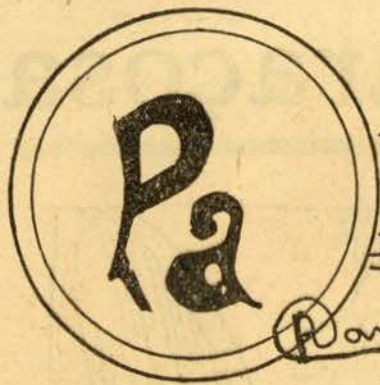
uma ida de santo folgasão! . . .
porque, afinal,
se tinha um ar trav sso, petulante,
era poeta e tinha coração!

No tempo do calor
... assim que os milheirais empalidecem
e as aves desfalecem
ébrias de luz e tontas de torpôr,
êle era apenas um fiincho de água
a escorrer de entre pedras, a fugir . . .
— mas não pensem que punha-se a carpir
ou a chorar de mágua!! . . . —
... Sempre contente com a sua sina
cantava alegremente,
contínuamente,
numa vôzita débil, cristalina! . . .

Cheio de alegres sonhos eu parti
da minha aldeia;
mas, depois, vagabundo
pelo mundo,
andei . . . ergui castelos sôbre a areia . . .
. . . . e nunca mais o vi!!!

■ F I M ■

HORA DE RECREIO



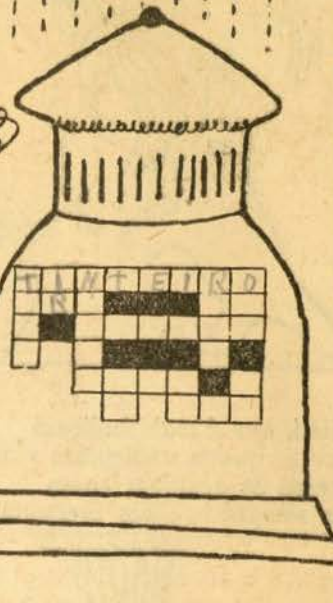
Amberes

Juntar à silaba «PA» duas letras de modo que forme palavras com a seguinte significação

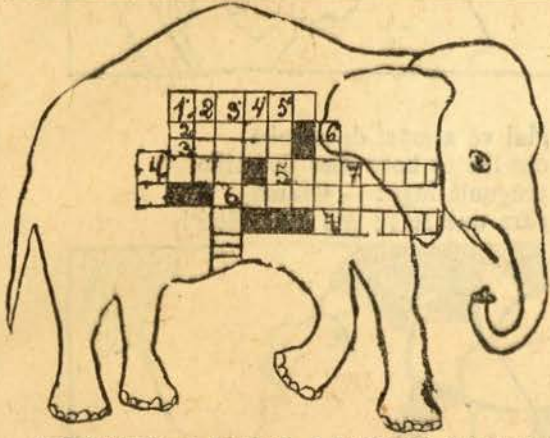
1 avo, 2 preposição, 3 verbo (tempo dum), 4 chefe da Igreja atójica, 5 residencia real, 6 tecido, 7 parte dum boné.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8

Tempo dum
Amberes



T
I
N
T
E
I
R
O

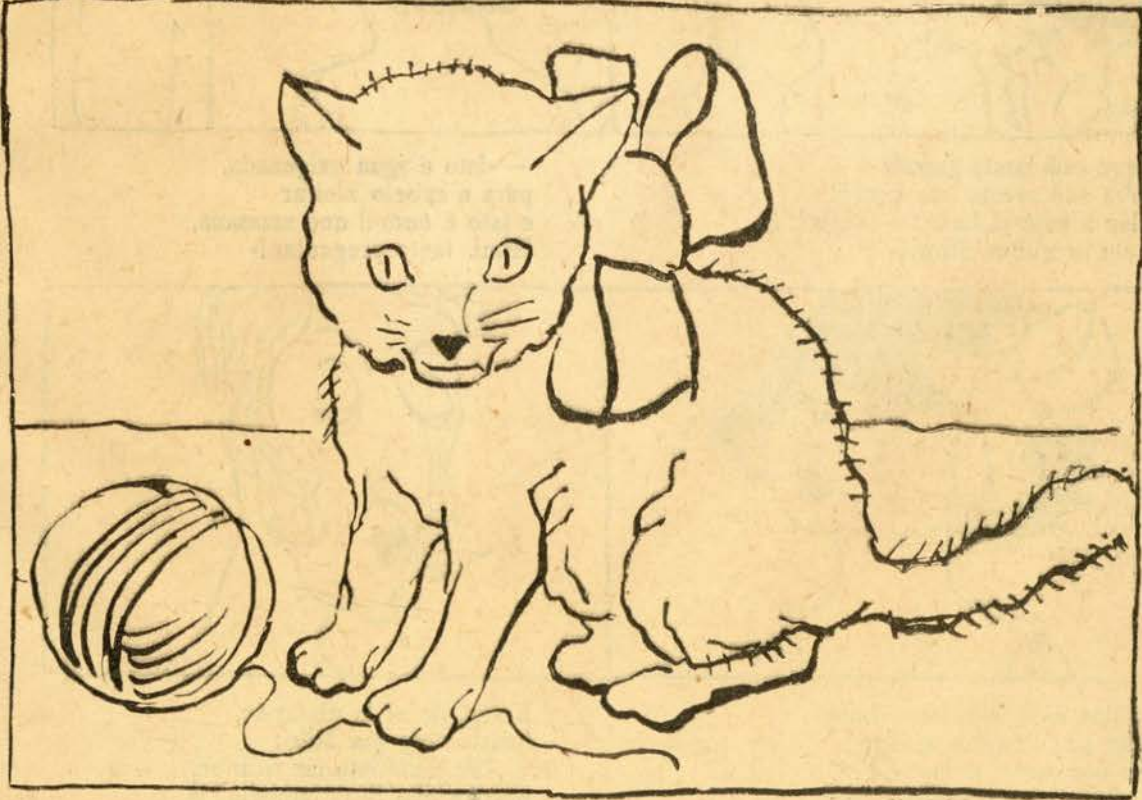


HORISONTAIS — 1 abertura, 2 esplêndido, 3 Substantivo, 4 planta, 5 nenhum, 6 pequeno rio, 7 deserto.

VERTICAIS — 1 nome proprio, 2 amarrar, 3 país da América, 4 nome de mulher, 5 planta, 6 Lavagem, 7 nome duma colónia

HORISONTAIS — 1 vaso para conter um líquido com que se escreve, 2 forma de verbo; vogal; consoante, 3 consoante; forma de Verbo, 4 três vogais, 5 abertura; consoante, 6 consoante; estrada.

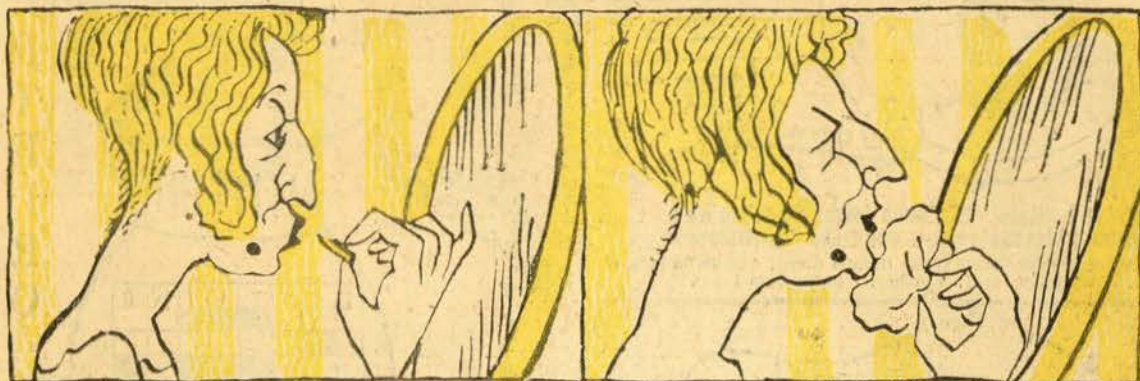
VERTICAIS — 1 forma de verbo, 2 verbo, 3 parte interna de certas conchas, 4 consoante; vogal; verbo, 5 vogal; duas consoantes, 6 duas vogais; indispensavel a vida, 7 cilada; vogal, 8 forma de verbo; antónimo de boa.



P
A
R
A

C
O
L
O
R
I
R
E
M

Pregunta embaraçosa



Mimi, que é mais buliçosa
que as quatro irmãzinhas juntas,
à cerca de qualquer coisa
faz sempre imensas perguntas.

Mal vê a mãe, de manhã,
dar-lhe os bons dias do estilo
pregunta logo: — «Mamã,
para que serve isto e aquilo?!»



O que está nesta garrafa
e p'ra que presta isto aqui?!
Volve a mãe já farta: — «Safa!...
Tanta pergunta, Mimi!»

— «Isto é água oxigenada,
para o cabelo aloirar
e isto é *baton*: que massada,
Mimi, tanto perguntar!»



— «Mas para que é isto bom
é que não disseste ainda;
para que serve o *baton*?!»
— «Para a mamã ficar linda!»

Então, ao vê-la pintar-se,
insiste com sua Mãe:
— «Se linda isto faz ficar-se,
porque não ficas também?!»